

## METODOLOGIA E ENSINO DO GÊNERO CONTO POPULAR NA ESCOLA

### *METHODOLOGY AND TEACHING OF THE GENDER POPULAR TALE IN SCHOOL*

Ivan Vale de Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** A metodologia de ensino dos gêneros textuais nas propostas de aprendizagem parte da valorização das habilidades de desenvolvimento da oralidade, da escrita e da reflexão na promoção do ensino, visto que estudar os gêneros textuais implica reafirmá-los como conteúdos da linguagem. Desse modo, são objetivos deste trabalho: refletir a relevância dos gêneros textuais no processo de formação cidadã, de leitores proficientes e autônomos no contexto escolar; apresentar as definições e as especificidades do gênero conto popular com a possibilidade de trabalho à luz da variação linguística no ensino de Língua Materna; discutir a inserção e a produção do conto popular no enriquecimento do letramento social e literário discente com base na tradição oral do texto popular; apresentar e analisar duas produções de conto popular realizadas no contexto pedagógico do Ensino Fundamental. A metodologia inserida neste trabalho se justifica pela reflexão e prática dos gêneros textuais no processo de escolarização em sala de aula. Assim, espera-se que estas reflexões contribuam com o trabalho textual na promoção da linguagem e suas variantes na escola.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais. Oralidade. Conto popular. Contexto escolar.

**Abstract:** *The teaching methodology of the textual genres in the learning proposals starts from the valorization of the oral development skills, of the writing and the reflection in the promotion of the teaching, since to study the textual genres implies to reaffirm them like contents of the language. Thus, the objectives of this work are: to reflect the relevance of the textual genres in the process of citizen education, of proficient and autonomous readers in the school context; to present the definitions and specificities of the genre popular tale with the possibility of working in the light of the linguistic variation in the teaching of Mother Tongue; to discuss the insertion and production of the popular tale in the enrichment of social and literary literacy students based on the oral tradition of the popular text; to present and to analyze two productions of popular tale carried out in the pedagogical context of Elementary School. The methodology inserted in this work is justified by the reflection and practice of textual genres in the schooling process in the classroom. Thus, it is expected that these reflections contribute to the textual work in the promotion of language and its variants in the school.*

**Keywords:** *Textual genres. Orality. Popular story. School context.*

### Introdução

A diversidade textual no contexto escolar simboliza a chance de demonstrar aos sujeitos como os discursos são organizados por seus autores na efetivação escrita do texto, bem como todo texto mantém um processo de intertextualidade com outras fontes textuais.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Docência da Língua Inglesa pela AVM Faculdade Integrada. Professor de Língua Portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Horizonte. E-mail: ivan.valle.de.sousa@gmail.com.

O trabalho metodológico de ensino do texto nas práticas escolares se justifica, prioritariamente, pela dinâmica em que os propósitos comunicativos inseridos nos textos são vistos como forma de reflexão dos letramentos.

Ensinar texto na escola, de certo modo, já se tornou trivial, pois, é a partir das particularidades textuais e de sua ótica global que podemos compreender como os sujeitos se inter-relacionam com as proposições textuais. O ensino do texto nas experiências metodológicas de aprendizagem se realiza mediante a promoção dos gêneros textuais nas práticas sociais e de ensino. Nesse sentido, entender o texto a partir de um plano reflexivo e, ao mesmo tempo, inseri-lo em um contexto de produção e de valorização dos saberes dos alunos é questão necessária à aprendizagem.

A metodologia de ensinar o reconhecimento nos gêneros textuais, a relação dos textos e dos usuários da língua com as práticas sociais mantém relação com a politização e a valorização das ações de letramento na escola e fora dela. Além disso, ao trabalhar com os gêneros textuais efetiva-se a promoção do desenvolvimento da proficiência em leitura, reflexão e escrita, pois, estimula a sensibilidade do agente produtor às concepções de mundo do leitor, sem omitir, ainda, a contribuição para a formação do leitor autônomo e competente dos subentendidos presentes em cada texto.

As reflexões propiciadoras deste trabalho partem da relevância dos gêneros textuais nas práticas de ensino, a partir de seu contexto de definição ao olhar o conto popular e sua produção no processo de averiguação das heterogêneas aprendizagens a possibilidade de ampliação dos letramentos discentes. Nesse sentido, o gênero textual conto popular categoriza-se nos textos de tradição oral e isso lhe atribui a função de narrativa mais antiga da oralidade, sendo, pois, a base de muitos gêneros literários narrativos por apresentar traços peculiares que remetem às diferentes épocas históricas, além de perpetuar-se no tempo, valendo-se do humor e do rompimento linear da expectativa da narrativa.

Dessa forma, as reflexões, neste trabalho, estão divididas em três tópicos discursivos. Na primeira parte são discutidos os gêneros textuais a partir de sua diversidade e de politização dos textos no contexto de ensino. A segunda parte focaliza as definições e as funcionalidades do gênero textual conto popular na escola como representação da identidade das narrativas de tradição oral e seu significado no ensino. Na terceira parte são apresentadas metodologias e produções do conto popular em sala de aula, base da minha experiência pedagógica, com o texto popular, seguidas de algumas análises de duas produções textuais

discentes. E, por fim, nas considerações finais, apresento uma síntese reflexiva à luz da promoção e da experiência dos gêneros textuais nos contextos de aprendizagem.

### **Diversidade e politização dos gêneros textuais no contexto de ensino**

O trabalho com texto nas propostas metodológicas de ensino ganhou destaque com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa os quais admitem que a aprendizagem e o desenvolvimento do texto devem partir do contexto social em que o aluno está inserido. Com as reflexões possibilitadas pelos documentos, muitos estudiosos se debruçaram no processo de compreensão acerca do que são os gêneros textuais e como eles se realizam nas práticas sociais de ensino.

A diversidade dos gêneros textuais nas ações metodológicas de aprendizagem politizou a necessidade de utilizar o texto no ensino não somente como forma de interpretação, mas, atribuiu à intervenção pedagógica outro olhar na percepção do texto na formação linguística e ética do aluno. Os gêneros textuais possibilitam que o trabalho com as habilidades de linguagem seja dinamizado, revisitando o trabalho peculiar e significativo de mediação com a leitura, com a reflexão do texto, com sua produção e divulgação dos propósitos comunicativos no ensino de língua portuguesa.

A dinâmica metodológica de construção de uma proposta textual e discursiva a partir do texto implica na promoção e na compreensão dos gêneros textuais, já que todo texto se insere em um determinado gênero para, dessa forma, cumprir com sua finalidade sociocomunicativa. Trabalhar com a politização dinâmica dos gêneros textuais nas intervenções de ensino pressupõe compreendê-los, primeiramente. O que são os gêneros textuais? Como eles se realizam?

São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos (MARCUSCHI, 2010a, p. 19).

As nossas funções sociais, de certo modo, estão inseridas na realização dos gêneros textuais, já que todo texto se utiliza de um gênero para atingir seu propósito social e comunicativo. Assim sendo, a produção de textos nas esferas institucionais constitui-se como atividades que se valem da complexidade de acionamento dos múltiplos conhecimentos dispostos pelo sujeito na formulação dos argumentos e na preservação das ideias-chave em que todo evento textual se relativiza. Promover a discussão do texto e sua

produção nos âmbitos metodológicos de ensino é enxergar e projetar no texto ações que orientem para o trabalho interlocutivo e de interação com as práticas sociais e as propostas metodológicas. Os gêneros textuais carecem das práticas pedagógicas um processo de ensino produtivo e reflexivo do texto a partir das necessidades do sujeito de interagir com o texto e possibilitar-lhe que as inferências desse mesmo texto dialoguem com outras concepções intertextuais.

Na ótica da intertextualidade, o trabalho com os gêneros textuais resulta na valorização dos conhecimentos internalizados do locutor pensado na dinâmica de saberes e da recepção do texto pelos interlocutores. Essa concepção possibilita enxergar no texto o espaço dialógico de outros discursos que precisam ser enaltecidos no processo de ensino-aprendizagem contemporâneo, bem como, perceber, por exemplo, como as diferentes linguagens e as transformações sociais inferem aos gêneros textuais lugar relevante na escolarização e no letramento dos sujeitos.

Politizar os gêneros textuais na formação do aluno não significa apenas a oferta da diversidade textual por si mesma. É preciso que o sujeito seja instrumentalizado e instigado a pensar o texto como propriedade complexa de organização do pensamento e como conteúdo constituinte da linguagem. Ensinar como as finalidades inseridas nos gêneros cumprem seu papel social e educativo na formação humana implica, pois, partir de uma proposta do texto à luz da dialogia textual como os “objetos de discurso são, portanto, altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual” (KOCH, 2014, p. 60).

A seleção textual a partir da diversidade de gêneros textuais e de sua politização para a prática de ensino de apropriação das funções textuais pelo sujeito encontra respaldo nas experiências metadiscursivas e metaenunciativas de compreensão das particularidades do texto que qualificam o processo de produção e reflexão oral e escrita na escola. Faz-se necessário, ainda, ao agente produtor ultrapassar o plano superficial do texto na ação constitutiva do contexto das formas verbais e sociais inseridas nos gêneros textuais, embora, que para isso, a escola reassume continuamente sua pedagogia de formação de sujeitos autônomos capazes de produzir textos, de entendê-los, de atribuir suas funcionalidades e de privilegiar a ação interlocutora no trabalho com a escrita contextualizada nas práticas sociais de ensino.

Contextualizar a abordagem produtiva e de estudo dos gêneros textuais a partir de sua politização formativa nos contextos de ensino é realizar um trabalho com as funções da linguagem capazes de ampliar o repertório linguístico-textual e cultural dos sujeitos e inseri-los em um processo dialógico com a agregação do texto à formação acadêmica e como pode ser ampliado na produção de novos argumentos. Nessa postulação, os gêneros textuais são entendidos como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI, 2010a, 26).

Coadunando as reflexões inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa com as necessidades de trabalhar com o texto em sala de aula, os gêneros textuais devem ser ensinados partindo das suas funções escritas e orais capazes de inserir o aluno no plano intertextual do texto em si, sem desmerecer seu caráter dialógico. O sucesso para a realização do ensino de língua a partir do texto é carente de muita da ousadia do professor, tanto na seleção de textos para cada nível de escolarização e propósitos, quanto no sentido de orientador os alunos a entender o texto como um evento comunicativo e conteúdo de linguagem na promoção de outros discursos.

Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71).

Todo trabalho com o texto requer uma prática reflexiva da habilidade leitora. E toda proposta de leitura subjaz a realização da produção escrita em que o sujeito inserido na situação reflexiva compreende que a ação de intertextualidade atribui ao gênero textual outros olhares na percepção do texto como evento verbal dinâmico para a reorganização do pensamento de quem o produz.

A complexidade que envolve o trabalho de inserção dos gêneros textuais na escolarização dos sujeitos se justifica pela intervenção metodológica que tome a politização das habilidades de leitura, reflexão e de produção escrita de textos a partir das necessidades sociais, culturais e linguísticas do aluno. Assim, o ensino de gêneros textuais na escola parte de sua função dialógica o que implica na promoção de projetos capazes de instrumentalizar os sujeitos a se perceberem como autores de seus discursos e como seus argumentos

transitam em um plano intertextual com outras modalidades de produção do texto nas identidades mobilizadoras das experiências metodológicas de ensino-aprendizagem.

### **Definições e funcionalidades do gênero textual conto popular na dinâmica escolar**

Trabalhar com o gênero textual conto popular supõe-se realizar uma proposta de aprendizagem na valorização das variantes linguísticas. Entender como os fatores comunicativos, regionais e de grupos sociais interferem nos usos da língua implica partir de uma visão compreensiva na completude do texto. No que se refere aos fatores comunicativos é relevante destacar as circunstâncias em que o falante da língua está inserido, saber a quem são dirigidos os propósitos e entender qual é a intenção do conto popular em dado momento (emocionar, fazer rir, persuadir, ensinar valores, convencer, informar, etc.) na compreensão do grau de monitoramento requerido pela língua.

Quanto aos fatores regionais, faz-se necessário saber o lugar do falante em que a modalização da língua está sendo empregada. Além disso, há que se considerar também o grupo social em que o locutor está inserido, bem como a qual estância social e interlocutora a narrativa se destina, sem desmerecer o grau de escolaridade do público em que as finalidades textuais do conto popular são pretendidas.

A necessidade de inserção do conto popular em sala de aula é trazer para o plano discursivo e metodológico das aprendizagens as muitas variantes que uma mesma língua pode sofrer em um mesmo país. A finalidade de inserir o conto popular nas práticas de ensino não se justifica pela supremacia da politização que denota apenas uma única e homogênea forma de os falantes interagirem, porém, enaltecer a dinâmica que a língua portuguesa passa, considerando seu processo de variação e tomar o texto popular com todas as suas partes no contexto de escolarização supõe tornar os sujeitos competentes linguisticamente, porque o “ensino de Língua Materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2002, p. 17).

Os contos populares têm sido caracterizados de diversas formas ao longo da história da humanidade e da averiguação da literatura especializada sobre a temática. Como forma de elucidar algumas dessas definições, o gênero conto popular é também conhecido como *História de Trancoso*, *História da Carochinha*, *Contos Rurais*, *Contos de Tradição Oral*,

entre outros. Assim, cabe destacar que cada região apresenta seus contos populares, claro, que muitos desses contos ultrapassaram as fronteiras linguísticas de determinadas regiões, rediscutindo a visão regional do texto em outros contextos de ensino e possibilitando o conhecimento da realidade e de sua adaptação à comunicação.

Além disso, destaco, aqui, o texto de Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*, como um conto popular, embora, outros olhares podem ser destinados ao texto como teatral e midiático. Categorizo o texto de Suassuna como conto popular pelos seguintes motivos: há a presença de todos os elementos da narrativa, linguísticos e regionais, é um texto que perpetua na temporalidade, apresenta marcas que divertem o leitor e o expectador, apresenta um contexto social, correlaciona personagens míticos com as carências da humanidade no contexto da narrativa, além disso, trabalha com as questões sociais, linguísticas e históricas quando readmite a história do cangaço e de outras questões.

Embora, muitos dos contos populares não apresentam uma identidade própria, isto é, uma autoria definida pelo simples fato de não haver na sua época de produção uma preocupação com a preservação identitária, visto que sua principal característica é a tradição oral, muitos estudiosos, entre eles, Luís da Câmara Cascudo apresenta um vasto trabalho na catalogação desses textos que se perpetuam e, aos poucos, são inseridos nas práticas metodológicas. Além de Cascudo, na atualidade, por exemplo, muitos escritores têm se dedicados também na promoção produtiva do gênero textual conto popular enaltecendo outros contextos de tradição oral.

Os contos da tradição oral, ou **contos populares**, têm sido narrados pelas pessoas ao longo do tempo, tornando-se conhecidos em diferentes regiões e épocas. Sem autoria definida, a maioria parte deles tem sido contada e recontada inúmeras vezes, pelos mais diversos **contadores**". (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2015, p. 48, grifos das autoras).

O conto popular apresenta uma identidade própria que é trabalhar com a linguagem a partir da realização de um enredo que possibilita o envolvimento do leitor na trama e na abordagem dos elementos. Apresenta uma linguagem, muitas vezes, própria da região em que foi produzido; traz implícitas as marcas da oralidade inseridas em um contexto de reelaboração das inúmeras versões que um mesmo texto apresenta e mantém aproximação das personagens com o ambiente dos acontecimentos.

A justificativa de trabalhar como o conto popular em sala de aula dar-se pela ampliação perceptiva de como a língua se adapta às variações linguísticas, além disso, os

contos populares se coadunam pelas seguintes características: noção de antiguidade, muitas vezes, sem data específica, anonimato da autoria, em muitos dos casos, são textos que perpetuam à temporalidade, aproxima o real do mágico-simbólico, insere-se na ficção, embora, possa se relacionar também com a realidade da tradição oral e cumpre sua função de demonstrar um mosaico das condições sociais das personagens.

Na visão panorâmica dos letramentos literários e orais, o conto popular é relevante por permitir aos interlocutores o conhecimento de determinadas épocas e contextos na fixação de “valores ou padrões a serem respeitados pelas comunidades, incorporados pelos moradores em seu cotidiano, criando outra dimensão, resultando refletir sobre a diversidade de manifestações das práticas e saberes transmitidos às gerações” (CASCUDO, 2006, p. 209).

Admite-se que a essencial constituição do conto popular são as narrativas construídas pelo povo, sobretudo, mediante a linguagem oral, apresentando um vasto uso de termos, muitas vezes, inerentes ao local e contexto de produção relacionando-se com a função dos contadores. Além de tornar uma excelente fonte de promoção do trabalho com as variantes da língua na escola, os contos populares possibilitam reflexões acerca das condições do homem, já que o plano gerador e desenvolvimentista do conto transita entre um contexto textual e social cercado de conflitos e paradoxos.

Por apresentarem um contexto de transformação e caracterização da narrativa popular, os contos populares, a cada vez que são transmitidos, oralmente, há a inserção da cultura de quem assume a função de recordar os fatos ocorridos, o que os tornam vertentes flexíveis e pragmáticas de correlação entre o plano da simbologia na concretização das ideias-chave direcionais da narrativa. De certa forma, os contos populares não se coadunam, unicamente, na função de divertir, convencer e informar, mas, propõem a realização de um processo instigante de reflexão a partir da linguagem e da organização peculiar dos fatos narrados.

O Conto Popular é uma narrativa tradicional em prosa, que se diz e se transmite oralmente, que tem por heróis seres humanos e nela os elementos sobrenaturais ocupam posição secundária, tendo forma solidamente estabelecida. Não possui temas sérios ou reflexões filosóficas profundas, seus acontecimentos são fictícios e têm a finalidade de divertir (ARAGÃO, 2013, p. 2).

No gênero conto popular há que se considerar, ainda, o jogo lexical que o texto traz para o processo de aprendizagem. Esse exercício de perceber a linguagem a partir da utilização de palavras, muitas vezes, não conhecidas pelos alunos lhes possibilita a

ampliação do campo semântico, das relações fonológicas, da investigação dos neologismos empregados e das variações que determinados vocábulos sofrem na efetivação do texto, por isso, a necessidade de atribuir ao texto popular seu lugar de valorização em sala de aula, já que os contos populares perpetuam a “nossa cultura e nossa história, porém há nas lendas regionais e casos populares um conhecimento que não pode ser desprezado, pois eles indicam a produção cultural de um povo, suas crenças, temores, e anseios íntimos” (BUSATTO, 2008, p. 87).

O lugar do gênero textual conto popular na escola é de inserir as práticas escolarizadas nas diferentes relações sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. Além disso, o conto representa uma significativa oportunidade de trabalho com textos que apresentem diferentes linguagens no contexto da sala de aula. Promover, pois, um estudo textual e discursivo do conto popular na experiência de escolarização do conhecimento significa ampliar as propostas de letramento de trabalho com as modalidades variantes da Língua Materna.

O conto popular também contém mensagens que fornecem subsídios para o desenvolvimento da diversidade cultural, valoriza as etnias, mantém a história viva e resgata significados para nossa existência. Recuperar e divulgar esta literatura pressupõe a importância que ele merece, pois se mantivermos viva a expressão deste povo, conferimos à humanidade o seu devido valor, o de criadores em potencial de maneira que o que está em jogo, não é apenas o que conquistamos através da educação formal, mas sim o que todos nós carregamos de mais primitivo, básico e instintivo, o poder da nossa imaginação (HAURÉLIO, 2010, p. 10).

Os contos populares valorizam a cultura, muitas vezes, não enxergada pela escola e pode representar uma linguagem mais própria ao contexto social do aluno. Trazer para as práticas metodológicas o estudo, a reflexão e a produção do conto popular é valorizar o seu contexto de escrita, propondo ao sujeito transitar entre o erudito e popular, entre as variações que a linguagem utilizada na narrativa e as diferentes formas de permitir ao estudante enxergar a linguagem como processo vivo e dinâmico.

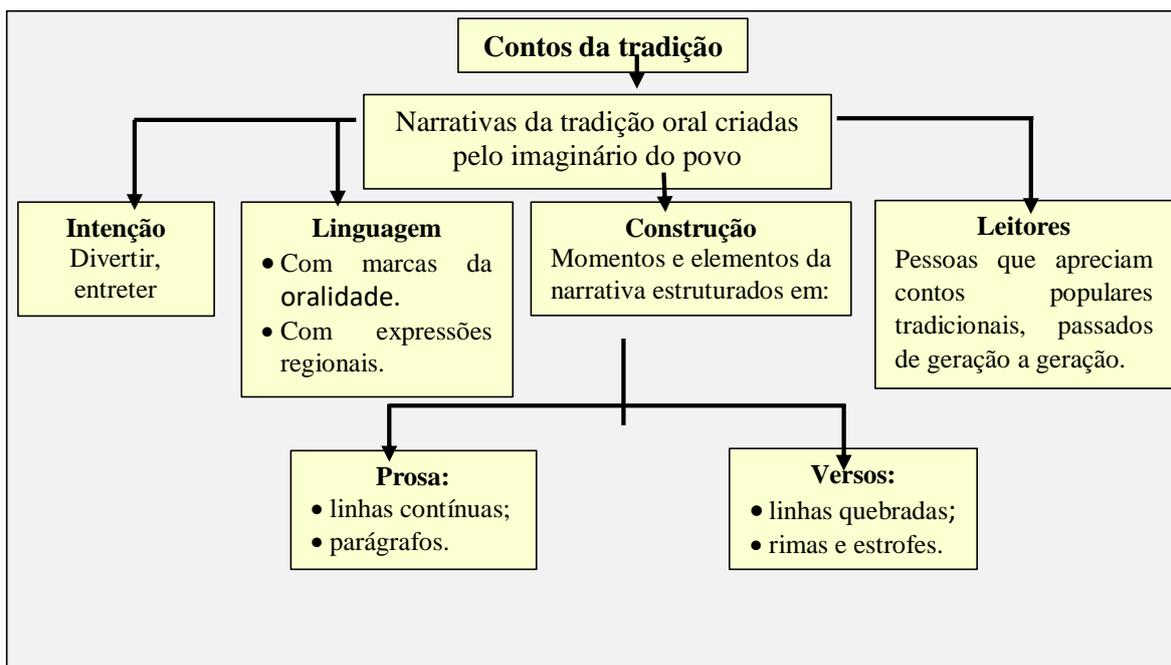
A finalidade de promoção do gênero textual conto popular na escola se aproxima de um trabalho de valorização da cultura e das concepções de literatura. Inserir o texto popular nas modalidades de ensino pressupõe-se criar um projeto de aprendizagem em que o conto popular seja visto com todas as suas características e funções, além disso, permitir a aproximação entre as modalidades orais e escritas nas propostas epistêmicas de ensino se faz preciso, porque a ação de “contar se configura como importante meio de constituição e

propagação da cultura e história dos indivíduos, histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservadas” (BUSATTO, 2008, p. 17).

Ensinar e inserir o conto popular nas ações de aprendizagem é, ao mesmo tempo, permitir que os alunos conheçam como outras variações da linguagem podem ser trabalhadas e valorizadas na escola. Os contos populares, por exemplo, cumprem a função de dinamizar a linguagem oral e a modalidade escrita no processo de formação acadêmica, intelectual e ética dos sujeitos, pois, ensina por meio da sua característica dinamizadora que a relação da língua com o contexto é uma ação contínua.

Os contos populares na escola possibilitam aos agentes envolvidos no processo de ensinar e aprender que a linguagem não parte de uma concepção homogênea, mas, dialoga com outros elementos da cultura popular e da literatura. Assim, para que o trabalho com o texto popular atinja sua função ampliadora de informar, ensinar e contribuir com o reconhecimento das variantes linguísticas e do enriquecimento do processo de letramento é importante que a estruturação constitutiva do conto popular seja discutida, rediscutida e estudada em sala de aula. Como um exercício didático, há uma síntese apresentada no organograma abaixo.

**Figura 1:** ESTRUTURA DOS CONTOS POPULARES



**Fonte:** Borgatto; Bertin; Marchezi, 2015, p. 60.

Todo trabalho com a Língua Materna se constitui de uma proposta de alfabetização de letramento do sujeito no reconhecimento das variantes que um mesmo idioma pode sofrer. Nesse sentido, o gênero conto popular mantém essa ligação entre a linguagem e as intencionalidades do leitor, todavia, a promoção do texto popular nas ações escolares não se justifica pela oferta do texto apenas como uma proposição de identificar os vocábulos ou expressões não conhecidas pelos sujeitos, mas, fortalece-se pela instrumentalização a partir de um projeto metodológico-literário-linguístico no reconhecimento do conto popular como texto que nos ensina a partir de sua perpetuação dialógica de ensino nas esferas promocionais da nossa identidade, da valorização da língua a partir de variações e de outros costumes.

### **Metodologia e produção do gênero textual conto popular em sala de aula**

A abordagem do gênero textual conto popular tomou forma no contexto da Educação Básica como atividades de avaliação diagnósticas realizadas no principiar de 2017, em uma instituição escolar pública localizada em Parauapebas, sudeste do Pará, com alunos do sétimo ano do Ensino fundamental.

A proposta objetivava avaliar o nível de escolarização dos estudantes, bem como a relação deles com a língua na modalidade escrita na organização das ideias e na preservação dos elementos da narrativa na produção de um texto. Nesse sentido, “todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita: vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual” (DIONISIO, 2011, p. 138).

A intervenção a partir do conto popular na proposta diagnóstica de letramento dos alunos se deu durante as minhas mediações pedagógicas de língua portuguesa a partir dos seguintes passos:

- apresentação e revisão dos elementos da narrativa em prosa, conto popular (narrador, espaço, personagens, tempo, enredo);
- discussão dos momentos da narrativa (situação inicial, conflito, clímax e desfecho);

- leitura dos contos populares em prosa “O bisavô e a dentadura<sup>2</sup>”, Sylvia Orthof e “A gulosa disfarçada<sup>3</sup>”, Luís da Câmara Cascudo;
- leitura do conto popular em versos “Era uma vez uma velhinha<sup>4</sup>”, de Sérgio Capparelli.
- discussão dos elementos da narrativa presentes em cada um dos contos lidos;
- identificação das diferenças entre os textos organizados em prosa e em versos;
- atividades de interpretação e identificação dos elementos da narrativa a partir dos contos populares abordados;
- escrita dos populares pelos alunos;
- correção dos textos e devolutiva para os estudantes;
- reescrita dos contos populares a partir das observações realizadas nos textos;
- leituras dos contos populares pelos próprios alunos para a turma.

Além disso, durante a abordagem do conto popular foi elaborada uma tabela e oferecida aos alunos para que situassem os momentos da narrativa, a partir do que estava sendo solicitado. Isso possibilitou aos estudantes que realizassem novamente o processo de leitura para resolução da atividade a partir dos contos populares estudados, conforme, demonstrado abaixo.

**Figura 2:** CATEGORIZAÇÃO DOS MOMENTOS DA NARRATIVA

| Situação inicial   | Conflito  | Clímax                                       | Desfecho                                   |
|--|---|--|--|
| Início do texto e apresentação dos personagens, local e tempo. | Desequilíbrio ou situação provocadora por alguma razão. | Momento alto e de maior tensão da narrativa. | Final da narrativa e resolução do conflito |
| _____  | _____   | _____  | _____                                      |
| —  | —   | —  | —  |
| _____  | _____   | _____  | _____                                      |
| —  | —   | —  | —  |
| _____  | _____   | _____  | _____                                      |
| —  | —   | —  | —  |
| _____  | _____   | _____  | _____                                      |
| —  | —   | —  | —  |

<sup>2</sup> ORTHOF, Sylvia et al. *Quem conta um conto?* São Paulo: FTD, 2001, v. 2, p. 53-58.

<sup>3</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A gulosa disfarçada. In: *Folclore brasileiro*. Disponível em: <www.jangadabrasil.com.br/revista>. Acesso em 18 jan. 2017.

<sup>4</sup> CAPPARELLI, Sérgio. *Poesia de bicicleta*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 92.

O estudo do gênero conto popular aproximou o trabalho da oralidade com a escrita e, conseqüentemente, com as modalidades de letramento literário e social do aluno. Nesse sentido, a oralidade é “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos variados contextos de uso”. Por sua vez, a fala se aproxima da escrita quando há uma promoção dos sentidos de realização do trabalho com os gêneros textuais a partir de um processo reflexivo, assim, a escrita seria uma maneira de “produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica outros” (MARCUSCHI, 2010b, p. 25-26).

A relação do trabalho de valorização da oralidade e da escrita está situada em uma proposta de letramento do aluno. Considerar o posicionamento do sujeito na participação reflexiva de compreensão da narrativa de como os elementos textuais dialogam na efetivação do texto significa atribuir lugar de destaque aos múltiplos saberes que se ampliam na dinâmica das práticas metodológicas de ensino.

Assim, com a função de situar os leitores dos planos de construção dos textos trabalhados em sala de aula a partir do conto popular, a seguir, são apresentados resumos do enredo dos textos mediados em sala de aula.

No conto “O bisavô e a dentadura”, de Sylvia Orthof, a narrativa traz no seu plano de construção a história de um senhor que usava uma dentadura e que todos os dias era motivo de brincadeiras, principalmente, no horário das refeições, pois, todos temiam e especulavam em qual utensílio o bisavô Arquimedes poderia ter deixado a dentadura na noite anterior. O bisavô nada falava, apenas ouvia as brincadeiras, porém, certo dia, resolve aparecer sem a dentadura e todos se questionam onde ele poderia ter esquecido a sua fiel dentadura. E, para a surpresa de todos, o esconderijo da dentadura foi um filtro em que todos tomaram água sem perceber, o que na realidade foi uma astúcia do bisavô.

O segundo conto popular trabalhado “A gulosa disfarçada”, Luís da Câmara Cascudo, retrata a história de uma mulher, que segundo ela mesma fazia regime e não conseguia emagrecer. Sempre durante as refeições apenas acompanhava o marido à mesa, sem cear a mesma refeição do esposo. Muito esperto e, um tanto questionador, o marido não conseguia entender como alguém que fazia tanto regime não atingia seus objetivos. É quando resolve averiguar se a esposa estava falando a verdade: disse à mulher que iria para o trabalho e se escondeu em casa e, para sua surpresa, durante todo o dia, a esposa comeu tudo o que

pôde. Resolveu, então, retornar ao lar, mostrando-se enxuto, já que havia chovido o dia todo, mediante diálogo com esposa, o marido revela a descoberta da farsa, o que reafirma a identidade do conto.

No terceiro texto, “Era uma vez uma velhinha”, de Sérgio Capparelli, os fatos narrados, agora, em forma de versos, contavam a história de uma senhora que comia bastante, mas, ficava reclamando de que não tinha nada para se alimentar. Além disso, o conto popular distribuído em versos se organizava de seis estrofes. O texto organizado em forma de verso, de certa forma, se aproxima muito da fala.

Após o processo de reconhecimento das informações, características e finalidades do conto popular solicitei aos estudantes que produzissem um texto com as peculiaridades do gênero textual estudado, inserindo os elementos da narrativa, para isso, os estudantes tiveram o prazo de um mês para a produção textual do conto popular.

Antes da data estipulada, alguns estudantes trouxeram os textos em que fui, aos poucos, orientando-os na realização do plano narrativo textual, das questões que precisam ser refeitas e adequadas à atmosfera da narrativa popular. Dessa forma, apresentarei, a seguir, apenas dois contos populares produzidos em sala de aula por dois estudantes<sup>5</sup>, seguidos de algumas análises-síntese do plano de construção das narrativas.

O presente texto foi produzido por um aluno e aborda a história de um senhor que era surdo, mas que após o incidente, acaba revelando aos demais personagens de que não precisava mais usar o aparelho para surdez. O conto apresenta um tom de mistério, tristeza, reflexão, mas, ao mesmo tempo, faz a quebra da atmosfera sombria com o fato inusitado de levar todas as personagens do texto a se envolverem em uma situação de descontração.

No conto produzido pelo estudante é possível identificar os elementos da narrativa, a começar pelo narrador que assume a função de narrador-personagem, do espaço onde acontecia a trama e da noção de temporalidade quando destaca que “*era meu primeiro enterro. O velório tinha durado a noite inteira e, agora, preparavam-se para levar o caixão*” (RECORTE DO GÊNERO TEXTUAL CONTO POPULAR I).

Apresenta também as personagens do conto e, aos poucos, vai descrevendo o enredo da narrativa, que são as ações e os fatos que se desenvolvem formando a trama da história apresentada. Além dos elementos da narrativa, fica evidente também a utilização dos

---

<sup>5</sup> Entre os muitos textos produzidos, selecionei apenas estes dois para o presente artigo. Destaco, ainda, que as identidades dos alunos serão preservadas, porque o mais importante é entender como os elementos e os momentos da narrativa foram organizados durante a intervenção metodológica com o conto popular.

momentos da narrativa, em que o aluno apresenta uma situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho da história.

**Figura 3: PRODUÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL CONTO POPULAR I**

**A surdez do bisavô**

Era meu primeiro enterro. O velório tinha durado a noite inteira e, agora, preparavam-se para levar o caixão. Novamente minha mãe me deu um abraço bem apertado.

\_ Sua bisavó está em um lugar melhor, ela foi para o céu! Disse ela, tentando acalmar mais si mesma que a mim.

Ela era a única triste ali, com grandes olheiras da madrugada mal dormida. Acabou me largando depois de mais um abraço apertado e achegou-se da sua vovó morta. Não havia muita gente na sala. Meu bisavô, no fundo, procurava conforto nos braços de minha mãe. Os dois chocados com a morte de minha bisavó e tentavam se adaptar à situação. A minha avó Eugênia, ela estava pálida e de expressão serena, tinha os olhos fechados a tudo.

Morreu um pouco velha, com oitenta e nove anos bem vividos. Era hora da partida, papai pegou em uma das alças do caixão e eu fui para perto de minha mãe e me segurei nela. Eu tinha sete anos e tudo aquilo era novo para mim, eu só tinha visto aquelas cenas só na televisão. Seguimos o cortejo até o mausoléu da família.

Fez-se baixar o caixão. Orações foram ditas, poucas lágrimas escorridas. Antes que o grupo se dispersasse, porém, meu avô chamou a atenção de todos:

\_ Por favor, me escutem!

Disse ele tirando o aparelho de surdez que usava há muito tempo para supostamente ouvir. E numa ação inesperada, mas, ao mesmo tempo, feliz como nunca o tínhamos visto ele falou:

\_ Eu não sou mais surdo!

E todos que estavam ali, envoltos na atmosfera sombria do cemitério, começaram a rir sem parar, porque, na realidade, o meu bisavô nunca tinha precisado usar o aparelho de surdez e, então, aquele dia foi muito triste, mas também muito engraçado.

Nesse sentido, ratifico, aqui, que a proposta metodológica e didática de separar discursivamente os elementos dos momentos da narrativa é apenas uma forma de possibilitar aos estudantes conceituarem melhor as partes do texto, neste caso, do conto popular, já que os momentos da narrativa constituem o enredo (ações) do próprio texto.

O conto popular traz, ainda, uma identidade atribuída pelo aluno “*A surdez do bisavô*” e se insere em uma ótica de passagem do tempo. Além disso, durante o texto é possível perceber a função da linguagem intimista do narrador-personagem com os fatos narrados, que reverbera em um processo de lembranças em que a temática principal não é apresentada no título do texto, mas no plano de desenvolvimento do enredo e que, de certa forma, o clímax da narrativa se constitui também como desfecho do texto quando o aluno-autor assegura que “*e todos que estavam ali, envoltos na atmosfera sombria do cemitério, começaram a rir sem parar, porque, na realidade, o meu bisavô nunca tinha precisado usar o aparelho de surdez e, então, aquele dia foi muito triste, mas também muito engraçado.*” (RECORTE DO GÊNERO TEXTUAL CONTO POPULAR I).

A proposta metodológica de trabalho com o gênero textual conto popular no processo de escolarização escolar e na promoção do processo de letramento conseguiu, de fato, atingir os propósitos de experiências com a produção textual do conto em sala de aula, porque permitiu aos sujeitos compreenderem o texto como um ambiente de enaltecimento das suas concepções de linguagem e de enxergar no texto o estabelecimento de sentidos e de conhecimentos do gênero textual com a visão do sujeito.

O processo de trabalho com texto em sala de aula pressupõe inserir as finalidades do texto em uma proposta dialógica e de compreensão textual. Produzir, analisar e divulgar os conceitos de quem produz é tornar significativa a intervenção com o uso do texto em sala de aula. Mas, o que é mesmo analisar um texto? O que fazemos quando analisamos uma produção textual?

Analisar textos é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos (ANTUNES, 2010, p. 49).

A politização do texto em sala de aula precisa assumir sua função de valorização dos conhecimentos que o aluno traz para escola, de modo que as práticas metodológicas sejam, antes de tudo, inclusivas e acessíveis a todos. Nesse sentido, todos os textos apresentam uma finalidade de comunicação e de reverberação dialógica com o contexto e as concepções de textualidade de quem os produz, por isso, a escola é o lugar de valorização e de proposição da dinâmica de aprender, já que não há somente uma forma de compreender o texto, mas diferentes propósitos que as inferências textuais associam ao processo de escolarização.

O lugar do texto na sala de aula não é apenas manter os alunos ocupados na formulação dos argumentos, ou na organização do pensamento na modalidade escrita; o destaque à pedagogia textual no ambiente escolar se justifica pelo reconhecimento de que as nossas necessidades em um contexto contemporâneo de sociedade são requeridas, muitas vezes, pela seleção lexical adequada à situação comunicativa.

Assim, na escola, o texto se insere no trabalho com os gêneros textuais e esses gêneros na função dinamizadora da linguagem se transformam em eventos comunicativos à luz do enriquecimento dos letramentos discentes e das intervenções metodológicas mediatizadas pelo professor na função de orientador das aprendizagens.

Assim sendo, o letramento literário é representado pelo acesso que os agentes escolares têm aos textos, às práticas sociais e se faz quando todos têm os mesmos acessos à cultura letrada, aos propósitos das narrativas, à valorização do conhecimento de mundo, às peculiaridades da escolarização de cada sujeito em que sejam respeitadas e consideradas as individualidades no campo da coletividade significativa inseridas nas práticas sociais e escolarizadas de ensino-aprendizagem. (SOUSA, 2017, p. 123)

A promoção dos gêneros textuais nas práticas metodológicas possibilita ao trabalho de produção textual averiguar os diferentes níveis de escolarização na heterogeneidade da sala de aula, bem como rediscutir as variantes que o ensino de Língua Materna perpassa à luz da receptividade de outros conhecimentos linguísticos e culturais. As conexões na realização de trabalho com texto partem de um processo de intertextualidade com as propostas de letramento dos sujeitos e, nesse sentido, os contos populares são marcas textuais e simbólicas de contextos variados de produção que supõem enxergar na dinâmica da linguagem o estabelecimento com os objetos culturais e cumulativos da formação na ampliação do repertório linguístico dos sujeitos em situações de aprendizagem.

A produção do conto popular “*A esposa mexeriqueira*” é de autoria de uma aluna em que são destacados também os elementos da narrativa. O texto retrata a promoção do valor da confiança em que as personagens principais, homem e mulher, inserem o leitor no entendimento das situações comunicativas e próprias do gênero textual conto popular. Antes de iniciar a narrativa, a aluna destaca ao leitor que a história fora transmitida oralmente por seu avô. A oralidade, nesse sentido, é uma das principais características do conto popular, pois, “em geral, essas narrativas circulam de boca em boca, portanto, contadores precisam memorizá-las para recontá-las oralmente e prender a atenção de seus ouvintes. Alguns então

se valem de técnicas: frases curtas, ritmo, combinações de sons e muita expressividade” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2015, p. 48).

**Figura 4:** PRODUÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL CONTO POPULAR II

**A esposa mexeriqueira**

Quem me contou esta história foi o meu avô que mora em uma cidadezinha no interior do Ceará.

Era um casamento cheio de desavenças, pois a mulher era muito fofqueira. Seu marido não gostava desse seu comportamento e foi reclamar com ela:

\_ Mulher, você é muito fofqueira, não consegue guardar um segredo sequer!

Ela, com raiva, começou a discutir:

\_ Eu não sou mexeriqueira, já cansei dessa fama. Eu falo apenas o que penso das pessoas e dos fatos que ocorrem.

Seu esposo não convencido resolveu fazer uma brincadeira para saber se ela era realmente capaz de guardar um segredo. Ele ficou planejando o que fazer e, dias depois, colocou o plano em prática. Durante a noite escondeu um ovo de pato dentro do banheiro. No dia seguinte ele foi ao banheiro e gritou:

\_ Mulher! Eu botei um ovo!

A mulher sem entender nada foi até o banheiro e deu de cara com o marido que lhe falou que havia colocado um ovo. Ele lhe pediu segredo e ela disse que podia confiar nela, podia ficar tranquilo, que não iria falar nada para ninguém o ocorrido.

Horas depois, o marido saiu para trabalhar e ela correu e foi falar do acontecido para toda a vizinhança. Uma vizinha falou para outra pessoa, que comentou com outra, que fofocou para o amigo e, assim, a cidade inteira ficou sabendo e, de apenas um ovo que o homem havia colocado, já passou para mais de cem, afinal, quem conta um conto, sempre aumenta um ponto. Quando o marido saiu do trabalho e viu toda a população rindo dele, perguntou o que estava acontecendo e seu amigo respondeu:

\_ Todos estão rindo de você porque sua esposa disse que você colocou uma centena de ovos!

Ele ficou furioso e, ao chegar em casa, falou para a esposa que estava sabendo da fofoca, que estava muitíssimo triste. Ela se mostrou arrependida, ficou pensativa, inclusive, até de cama por alguns dias e aprendeu que preservar a confiança é importante. E que os segredos relacionados ao marido são apenas conversas entre o casal. Depois desse episódio, a mulher deixou de espalhar o que não é verdade, perdeu a fama de fofqueira que, na realidade, nem ela mesma aguentava mais.

Retomando ao texto da aluna, seu avô cumpriu a função de contador da história que, de certo modo, perpetuou no plano cognitivo da estudante que reorganizou os fatos e as ações na produção do conto popular. As funções de antiguidade e uso da oralidade inserem a produção discente como gênero textual com características populares, além disso, assume a caracterização de anonimato do caso relatado, persistindo à temporalidade e se correlacionando com o modo de transmissão oral como o enredo da narrativa foi apresentado

à aluna. Assim, a expressividade da oralidade na fala do avô cumpriu sua função de perpetuação contada à neta e, agora, registrada neste trabalho, claro, que com algumas marcas da aluna, na função de autora, já que o “conto popular é uma expressão que pertence a este contexto de sonho e fantasia, de magia e de mistério; ele é parte da fala do povo, um canto harmonioso dirigido ao mistério das coisas” (LEAL, 1895, p. 12).

O plano concatenador do conto popular é exatamente o rompimento de expectativa apresentada no contexto inicial do texto, uma ação não esperada pelo leitor que se justifica pela ordenação dos argumentos na realização da função de divertir o interlocutor e, por ser um texto com marcas de oralidade, também é uma narrativa que mantém a especificidade intertextual com outros textos quando readmite que, “*afinal, quem conta um conto, sempre aumenta um ponto*” (RECORTE DO GÊNERO TEXTUAL CONTO POPULAR II).

As especificidades entre o contexto de letramento, a intertextualidade e a cultura social são perceptíveis na produção da estudante denotam uma aproximação entre a aluna e seu ente querido, neste caso, o avô, em que são valorizadas, no início da produção textual, em que situa e ambienta a narrativa em um plano dinâmico da literatura popular, por isso, a relevância de trabalhar com os gêneros textuais à luz do ensino reflexivo e dialógico no processo de letramento dos sujeitos em sala de aula se mostra necessária, visto que o “gênero textual funciona como componente semiótico mediador das práticas sociais. Em sua função mediadora, o gênero nos permite recuperar conexões entre a ação individual (incluindo as prescrições de papéis identitários) e as estruturas sociais, mais abstratas, em forma de regras e recursos” (MEURER, 2011, p. 187).

De modo geral, trabalhar com os gêneros textuais nas estratégias de aprendizagem possibilita aos sujeitos se envolverem em cada etapa de realização do texto. Assim, os dois contos populares produzidos pelos estudantes inserem-se na característica da tradição oral, pode sim, de fato, haver muitas marcas de intertextualidade, já que o conto popular se refaz pela sua politização de transmitir sua perpetuação. Além disso, os contos apresentam um plano de referência, mantendo uma unidade temática, uma progressão em relação à tematização, as finalidades propositivas comunicativas são preservadas e categorizam-se no gênero textual conto popular e relativiza as funções informativas com outros textos.

## Considerações finais

A escolarização dos sujeitos no contexto escolar parte das propostas de letramento e da valorização dos saberes que eles trazem internalizados para a dinâmica do ambiente escolarizado. Nessa concepção, o lugar que o texto assume na produção de sentidos denota a necessidade trabalhar com os gêneros textuais a partir de uma visão dialógica, reflexiva e de intertextualidade.

Todos os textos mantêm relação na elaboração de novos argumentos e na formulação de conceitos. O gênero textual conto popular representa a chance de trabalhar com as variedades da língua, com a valorização da linguagem oral na efetivação escrita dos estudantes e na reverberação da tradição oral. Assim sendo, realizar o estudo, a produção e a circulação do conto popular implica considerar como os conhecimentos podem ser recepcionados no contexto escolar, tomar os gêneros como objeto investigativo da linguagem na representação da identidade de outras culturas linguísticas, muitas vezes, desprivilegiadas pela instituição escolar.

## Referências bibliográficas

- ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ARAGÃO, M. S. S. Aspectos léxico-semânticos do conto popular. In: *PROFALA – Grupo de Pesquisa*. Universidade Federal do Ceará, 2013. Disponível em: <[www.profala.ufc.br/Trabalho7.pdf](http://www.profala.ufc.br/Trabalho7.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2017.
- BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. C. *Projeto Teláris: português. Ensino Fundamental 2*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2015.
- BUSATTO, C. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASCUDO, L. C. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.
- DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- HAURÉLIO, M. *Contos folclóricos brasileiros*. São Paulo: Paulus, 2010.
- KOCH, I. V. *As tramas do texto*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- LEAL, J. C. *A natureza do conto popular*. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, A. L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

MEURER, J. L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUSA, I. V. Letramento literário e tecnologia na escola inclusiva. In: *Ribanceira – Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA*, n. 10, jul./set., 2017. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/ribanceira/article/view/1244>>. Acesso em: 02 out. 2017.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2002.